

## 4 A geração

*“On dit que les nouvelles générations sont difficiles à gouverner.  
Je l’espère bien!”  
Alain<sup>1</sup>*

### 4.1 Acorda, amor

Nas palavras de Jacob Gorender, *a publicação do livro de Ridenti salienta-se por trazer respostas ou esclarecimentos às indagações das velhas e, sobretudo, das novas gerações politizadas ou despertadas para a atuação política*<sup>2</sup>. A obra interessa, portanto, na perspectiva de Gorender, ao menos para os antigos militantes de esquerda e para seus filhos.

Para a geração de militantes, como a de Gorender, Ridenti apresenta dados sugestivos para um exercício de revisão, de avaliação e de reflexão. Para as *novas gerações politizadas*, o livro oferece uma análise preciosa sobre o quadro estrutural das esquerdas brasileiras, propondo-se a *desvendar o significado e as raízes sociais da luta dos grupos de esquerda especialmente os armados, presentes entre 1964 e 1974*<sup>3</sup>.

Motivações pessoais e políticas<sup>4</sup>fomentaram o desejo de pesquisa de Marcelo Ridenti, investigador das facetas fantasmagóricas de uma revolução que não só faltou ao encontro, mas também das frustrações que cercam a derrota de uma revolução que nunca aconteceu. Analista dos dados da derrota, também dimensiona na contemporaneidade expectativas a respeito desta revolução, tendo em vista sua percepção de declarações de óbito das possibilidades de retomada de um movimento revolucionário. Aparece descartada, inclusive, uma possível identificação, hoje, com os sentidos das mudanças, outra época propostos<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> ALAIN. *Propos sur l’éducation*. p. 54.

<sup>2</sup> RIDENTI, M., op.cit. p. 9.

<sup>3</sup> Ibid. p. 15.

<sup>4</sup> Ibid. Ver “Prefácio político e pessoal”.

<sup>5</sup> Ibid. Pp. 22-23.

Todos os entrevistados para essa pesquisa se reconhecem como filhos e filhas de militantes; suas lembranças indicam essa percepção como algo “sempre presente nas conversas familiares”, sem que constituísse “segredo a história da família”.

“Minha mãe, meu pai, meu avô, meus tios, acho que todo mundo sempre atuou, ou esteve envolvido com política, então sempre foi muito próximo de mim esse ambiente de militância. Lá em casa isso sempre foi muito presente. Cresci com isso, e sempre me falaram: essa é a nossa história, a história da nossa família, a gente é assim. As histórias eram sempre muito repetidas, e eu gostava de ouvir, e ainda gosto. Acho que ajuda a entender muita coisa. Além do aspecto social, me ajuda a entender minha família por um lado mais psicológico”<sup>6</sup>.

Pablo “sempre soube” que seu nome era uma homenagem a um ex-militante da guerrilha do Araguaia<sup>7</sup> e, para Bruno, a referência da atuação dos pais era constitutiva de sua história pessoal. Nascido na época do exílio dos pais, era comum explicar porque nasceu fora do Brasil, e contava o início da sua história a partir da trajetória de seus pais.

“Eu contava que meus pais tinham sido exilados, e que eu nasci do exílio, e esse dado sempre foi pra mim uma chave heróica. Eu os via assim, como heróis, e até hoje me parece um aspecto muito positivo eles terem feito o que fizeram. Mapeava a diáspora do exílio procurando traçar aonde os meus amigos, filhos dos amigos dos meus pais, tinham nascido. Era algo exótico, diferente. Gostava de saber dos casos. Identidades falsas, disfarces com barbas postiças, as histórias de fugas. Tudo isso sempre visto com a chave heróica. A fuga tinha um aspecto muito heróico. Como meus pais fugiram, como eles se encontraram no exílio”<sup>8</sup>.

Serge Berstein afirma ser a família o primeiro núcleo social de transmissão de uma cultura política, e dela a criança recebe um conjunto de normas, de valores, de reflexões que constituem a sua primeira bagagem política, que conservará durante a vida ou rejeitará quando adulto<sup>9</sup>. Os *veto*res dessa primeira bagagem política, que constitui uma cultura política de esquerda, eram transmitidos através da convivência com os pais e com a família. Além das memórias dos tempos de militância, os entrevistados descrevem dados da infância que os faziam sentirem-se diferentes de outras crianças, inclusive Luiza, que não se reconhece como filha de militantes, mas com pais de esquerda, narra memórias do gênero.

“Toda vez que entrávamos com meu pai em algum lugar, fosse restaurante, cinema, estádio de futebol, ele falava: ‘para a esquerda e avante!’, e lá íamos nós sentar do

<sup>6</sup> Entrevista de “Maria”. Depoimento concedido em 3 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Entrevista de “Bruno”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> BERSTEIN, S., op. cit. p. 356.

lado esquerdo. Achava no início que era superstição, mas depois vi que era coisa de política mesmo”<sup>10</sup>.

“Meu pai tinha um carro Lada Niva, um grande orgulho pra ele. O carro tinha nome, ‘Kaput’, porque era russo, porque sempre quebrava fazia barulhos, mas ele não trocava de jeito nenhum. O grande orgulho era dizer que o carro era ‘vermelho’ e ligava para a esquerda. Não entendia nada, porque o carro era branco. Com o tempo fui ver que era o único carro que tinha ignição na esquerda e que se virava a chave de maneira diferente. Morria de vergonha daquele carro todo velho, mas era o xodó do meu pai”<sup>11</sup>.

“Minha mãe e meu pai sempre brigavam descendo de Santa Teresa porque meu pai nunca enchia o tanque no momento certo. Nem me lembro quantas vezes ficamos presos no túnel por falta de combustível. Quando passava um posto, eu e minha irmã dizíamos: ‘olha um posto, pai!’. ‘É Petrobrás?’ ‘Não...’ ‘então não serve’. Aquilo deixava minha mãe possessa, e só ouvia falar do tal ‘capital estrangeiro’, que ele não ia dar dinheiro para posto imperialista”<sup>12</sup>.

A década de oitenta foi marcada por dois fortes acontecimentos políticos no Brasil, a campanha pelas eleições diretas e as eleições de 1989. Por serem crianças na época das “Diretas Já”, para os filhos de militantes havia pouca compreensão do que estava em jogo, mas o ambiente familiar transmitia a seriedade do momento. Um período marcante, um despertar da consciência sobre a trajetória política dos pais.

“Durante toda minha vida me referi às ‘Diretas’ com frases como: ‘Eu lembro...’, ‘eu ia...’, mas na verdade eu não lembro, e eu era levada. Tinha 3 anos, meu irmão 4, mas íamos com nossos pais. Eu lembro desse momento como uma coisa tão intensa na minha família, digo, para os meus pais, que falava que ‘lembrava’ e que ‘ia’ de maneira tão convicta que eu realmente acreditava nisso. Falava com orgulho ‘meus pais me levaram nas passeatas pelas ‘Diretas’”<sup>13</sup>.

“Eu me lembro, por exemplo, do dia que a minha mãe achou a minha camisetinha ‘Diretas Já’. Imagina [que] meus pais, completamente loucos, nem iam juntos, porque saíam de pontos completamente diferentes da cidade, e iam se encontrar. Eu fui na garupa do meu pai, no cangote, com uma camiseta ‘Diretas Já’ e eu tinha 3 anos de idade. Eu acho que isso é um reflexo muito grande da loucura deles no seguinte sentido. Em qualquer circunstância que eu dissesse que iria levar um filho meu, de 3 anos de idade, para uma multidão daquele tamanho, eles jamais achariam essa opção razoável. Mas na época era razoável por tudo, e eles defendem isso quando você argumenta, ‘vocês levaram uma criança de 3 anos. Eu podia ter morrido!’ ‘Não minha filha, era um clima tão harmônico no ar!’ e até hoje eles tem o mesmo discurso. No dia que a minha camisetinha apareceu, essa história veio à tona”<sup>14</sup>.

“Lembro de uma vez que meu pai foi levado pra casa, porque ele não conseguia andar. As pernas estavam muito inchadas, e ele chegou carregado pelos amigos. Na

<sup>10</sup> Entrevista de “Luiza”. Depoimento concedido em 15 de setembro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Entrevista de “Nina”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> Entrevista de “Nina”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

época ninguém explicava direito, mas ninguém me mandou pro quarto, ou coisa do tipo. Eu vi meu pai chegando daquele jeito, e fiquei na sala vendo minha mãe cuidar dele. Eu era muito pequeno, mas sabia que tinha relação com o trabalho dele na fábrica. Os mais proeminentes do sindicato apanhavam na saída do trabalho. Meu pai estava sempre participando de greves e manifestações na época das ‘Diretas’. Sempre puxava greves, fazia piquete. Meu pai era ‘piqueteiro’ mesmo, sempre envolvido. Essa é uma memória muito viva, muito forte de quando eu era pequeno. Isso acabou se oficializando com o PT. Meu pai participou ativamente da fundação do PT no Rio. Lembro das reuniões na minha casa, com figuras como a Benedita, que circulavam por lá”<sup>15</sup>.

A transmissão das memórias referentes ao universo de militância, como algo que fazia parte do cotidiano familiar e a importância dos suportes externos dessa memória, como no caso da “camisetinha das diretas” guardada como um tesouro da família, era de certa forma relativizada quando essas memórias entravam em contato com o ambiente externo, distante do familiar. A militância dos pais era, inclusive, em alguns casos uma marca de distinção. As memórias dos filhos de militantes indicam a percepção, desde muito novos, de que seus pais eram pessoas diferentes, representantes de uma minoria política. Eram, em certos casos, uma minoria em suas próprias famílias.

“Meus pais eram os únicos de esquerda da família, então isso já era um motivo de conflito. Minha família sempre discutiu muito política, e sempre vi meus pais como isolados. Eles eram os únicos que defendiam um lado e todo mundo defendia o outro. Essa imagem deles sozinhos nas opiniões sempre foi muito forte para mim”<sup>16</sup>.

“Meu pai sempre expressou se sentir meio sozinho. A família da minha mãe era muito burguesa, e a família do meu pai muito disfuncional, por isso ele acabou adotando a família da minha mãe, mas ele se sentia muito sozinho. Era o único de esquerda, minha mãe também era, mas menos envolvida que ele”<sup>17</sup>.

“Meus avós eram totalmente contra o envolvimento do meu pai na política, os irmãos dele também eram totalmente contra. Também por parte de mãe ninguém apoiava. Meu pai inaugurou a esquerda na família”<sup>18</sup>.

“É interessante pensar o que fez os meus pais, ambos, serem de esquerda quando não havia nenhum precedente familiar favorável. Meu avô era ‘viva a América’ total [sic], adorava os Estados Unidos, e toda aquela lógica de vida, e meu pai se tornou um anti-imperialista convicto, mesmo tendo nascido e estudado lá. Minha mãe vem de uma família conservadora, e sempre foi uma das pessoas mais radicais que eu conheci. Familiarmente falando, acho que eles eram casos tão isolados em suas famílias que acabaram juntos, namorando e depois casando”<sup>19</sup>.

<sup>15</sup> Entrevista de “Leonardo”. Depoimento concedido em 13 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Entrevista de “Luiza”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> Entrevista de “Camila”. Depoimento concedido em 22 de setembro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>18</sup> Entrevista de “Leonardo”. Depoimento concedido em 13 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>19</sup> Entrevista de “Marília”. Depoimento concedido em 2 de junho de 2011 no Rio de Janeiro.

A posição política dos pais despertou nos filhos de militantes a noção de que faziam parte de um núcleo familiar peculiar, não muito comum nos ambientes que frequentavam, e aos poucos as memórias familiares de militância ganharam mais consistência nos relatos dos entrevistados.

“Uma vez, saindo do cinema com meu pai, ele falou meio que do nada [sic] que durante muito tempo na prisão ele não usava uma das mãos. Como ele não tinha papel higiênico, ele reservava uma das mãos para comer. Naquele momento eu pensei: ‘tudo bem, meu pai foi um militante, mas não é tão normal assim como eu pensava’. Minhas amigas não tinham essas histórias, os pais não tinham sido presos e guardavam uma das mãos para comer (risos). Daí, eu passei a ir atrás dessas histórias, mas meu pai falava pouco. Descobri na minha avó materna uma fonte preciosa de informação. Ela, que tinha uma trajetória própria de militância, adorava contar os casos, mostrar fotos (...) Eu sempre tive a sensação que a minha família era diferente, e eu incorporava as posições dos meus pais quando a política ficava mais evidente. Estudei num colégio muito careta, e percebi que meus pais eram diferentes. Cheguei a me aproximar de um menino no colégio porque o pai dele era petista, e a gente se encontrava nos comícios, nos palanques. Eu me aproximei dele através desse elo dos nossos pais”<sup>20</sup>.

“Nunca me senti diferente dos amigos, mas sabia que minha mãe não era como as outras. Sabia que ela tinha sido torturada e que as outras mães não. Sabia que ela tinha fugido do país e as outras não. Ela me contava que tinha sido presa, que tinham batido nela, mas nunca de forma assustadora. Ela queria que eu soubesse o que ela havia passado, e como tudo era muito natural lá em casa, eu contava de forma também muito natural. Mas via no rosto das pessoas que o que eu estava contando não era normal”<sup>21</sup>.

“A minha referência mais forte de filha de militante está relacionada ao período das eleições de 89. Eu lembro muito de duas coisas fortíssimas para mim. Primeiro, a disputa dentro de casa entre meu pai e minha mãe. Meu pai brizolista doentio e minha mãe ‘lulalá’ total. Meu avô foi um dos fundadores do PT no Rio, então esse era um lado radical da família da minha mãe. Eu e minha irmã íamos no calçadão, aos domingos, com o lencinho amarrado no pescoço e o adesivo do Lula. Meus avós assistiam da janela da Vieira Souto, do apartamento deles, a gente distribuir panfleto clandestinamente, porque era ilegal, mas as crianças fazendo boca de urna era engraçadinho, bonitinho. Meus pais iam, mas nem sempre, então as vezes eu e minha irmã ficávamos lá, distribuindo, e eles assistindo. A segunda coisa que eu me lembro era que todas as minhas amigas do colégio eram Afif, o que me atraía pela música de campanha ‘dois patinhos na lagoa vote Afif 22 qué qué’, e no segundo turno eram todos ‘colloridíssimos e meus pais ‘vermelhíssimos’”<sup>22</sup>.

As memórias dos filhos de militantes demonstram uma diferença interessante entre saber sobre a militância dos pais e reconhecer o que foi essa militância, de forma consciente. O fato de não ser segredo a trajetória política dos pais não significa

<sup>20</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

que ela era compartilhada em detalhes, mesmo quando já havia uma idade mais amadurecida que permitisse compreender o que era narrado. Nas suas memórias, declarações como “eu sempre soube que meu pai foi preso”<sup>23</sup> ou “na minha casa sempre se falou abertamente sobre o que meus pais fizeram”<sup>24</sup>, indicam que em algum momento o “sempre” e o “comum” deixaram de ser o “natural”. De fato, era normal saber que os pais militaram e que “eram de esquerda”, mas as memórias de filhos de militantes apontam que não era comum saber como militaram e o que representou essa militância. Alguns casos indicam a iniciativa própria dessa geração na busca por informações sobre o passado político dos pais, mas não foram poucos os entrevistados que os identificam como pouco falantes sobre suas trajetórias políticas. Foi frequente encontrar nas entrevistas referências como “meu pai não falava muito”, “minha mãe não me contava essas histórias”.

“Meu pai não falava muito sobre a militância dele. Eu fui encontrar dados com a minha avó. Quando ele falava era quase como uma piada, como se não tivesse acontecido com ele. Não me lembro dele especificamente me contar que foi preso com 17 anos. Eu que fiquei sabendo sei lá por quem. Não foi ele que me contou exatamente da prisão, ou do exílio. Eu ficava sabendo e fui correr atrás dessas histórias”<sup>25</sup>.

“Tudo que eu estou te contando são informações que eu fui buscar, que eu adquiri há pouco tempo, inclusive. Meus pais não gostavam de falar sobre essas coisas, especialmente minha mãe, que sempre teve muito medo. Acho que hoje, pelo fato do meu pai estar com câncer, ele não se incomoda tanto em falar, mas nunca falou muito”<sup>26</sup>.

“Quando o Pasquim foi republicado, numa das edições teve uma entrevista com meu pai e ele contou sobre quando foi torturado. Ele não falava, e eu não perguntava muito. Sabia que ele tinha sido torturado, mas acho que isso ficava meio no ar. Eu nunca tinha sabido aqueles detalhes. Na matéria, ele contou que no dia do aniversário dele de 25 anos, ele estava preso e os guardas colocaram uma vela em cada orifício dele. Nunca fui atrás dessas histórias. Sabia o que me contavam. Quando li o artigo fiquei muito impressionado, e acho que só consegui ler imaginando que aquele não era meu pai. Se pensar que foi ele não consigo nem falar no assunto”<sup>27</sup>.

“Minha mãe sempre me levou aos encontros do grupo de amigos dela. É um grupo muito unido, de amigos muito íntimos, e eu sempre ia. Até hoje vou, e sou a única filha que participo dessas reuniões. Sempre gostei de ir, e sempre me senti à vontade. Gosto de conversar com os amigos da minha mãe, e tenho interesse sobre as histórias daquela época, e sobre a trajetória da minha mãe, mas com limites. Não quero saber

---

<sup>23</sup> Entrevista de “Luis”. Depoimento concedido em 6 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>24</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>26</sup> Entrevista de “Camila”. Depoimento concedido em 22 de setembro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>27</sup> Entrevista de “Luis”. Depoimento concedido em 6 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

se ela matou, não quero saber detalhes da tortura dela, que eu sei que foi barra pesada. Ela me contaria, tenho certeza, mas eu imponho limites”<sup>28</sup>.

Os relatos são expressivos de conflitos intrafamiliares, mas também permitem perceber o peso, por vezes insuportável, de determinadas lembranças, em especial aquelas que implicam em sofrimento físico ou moral, no caso da tortura e das humilhações, ou em violência, no caso da participação de alguns pais em ações de guerrilha urbana que implicaram em mortes. Nesses casos, é recorrente o silêncio total ou parcial dos que viveram essas situações ou o interdito por parte dos filhos dos militantes, que impõem, conscientemente, limites, como no caso da depoente Juliana. Há dores que não cabem em palavras e há palavras que não podem ser ouvidas.

Algumas memórias, inclusive, assinalam que uma vez despertado o interesse dos filhos, rompeu-se um silêncio que velava a memória familiar sobre o tema da militância.

“(…) Minha mãe não queria que esse lado de militância fosse estimulado, porque ela tinha muito medo. Eu fui buscar essas histórias para me entender um pouco, entender minha família, meu pai, o medo da minha mãe. Ela via o meu interesse, mas tinha medo que eu me envolvesse com coisas mais sérias, mais radicais”<sup>29</sup>.

“Um dia li um artigo escrito pela minha mãe sobre a experiência dela de tortura. Conforme eu ia lendo, comecei a imaginar minha mãe naquela situação, e fiquei com muito medo. Me perguntei porque eu nunca soube daquilo, e porque ela não tinha me contado. Por quê estava descobrindo pelo jornal? Liguei para o meu pai, pois na época eles já estavam separados, e chorava com ele no telefone. Meu pai sempre me encorajou a perguntar para minha mãe sobre a história dela, mas ela não falava, e eu tinha um pouco de medo de provocar nela uma coisa ruim, ao perguntar sobre coisas que ela não queria falar. Como meu pai falava pra cacete [sic], eu acabei sabendo das coisas mais dele, e me dava por satisfeita. Depois daquele artigo tudo mudou. Pedi para minha mãe me contar e ela disse que estava tudo ali, no jornal. Comecei a ter pesadelos terríveis sobre a tortura, e percebi porque minha mãe não queria falar. Ela tinha medo exatamente disso. Um dia acordei muito assustada, e ela sentou comigo e eu até faltei à aula. Conversamos muito, o dia todo, e foi muito bom. Nossa relação mudou. Não que ela saia falando por aí: ‘eu fui torturada’, mas hoje eu sei o que aconteceu com ela. Sei quem foi minha mãe”<sup>30</sup>.

Uns querem saber tudo, outros querem saber menos, uns souberam por acaso, outros persuadiram seus pais a falarem. Outros souberam pela imprensa. De uma forma ou de outra, no ambiente familiar foi feito o primeiro contato da geração de filhos de militantes com o universo da cultura política de esquerda de seus pais. Através de suas memórias, a geração dos filhos percebeu desde muito cedo que suas

<sup>28</sup> Entrevista de “Juliana”. Depoimento concedido em 5 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>29</sup> Entrevista de “Camila”. Depoimento concedido em 22 de setembro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>30</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

famílias eram diferentes e que os “casos” contados e as “histórias da época” não aconteceram com qualquer um.

Sinais dessa diferença eram passados no cotidiano e, conforme adquiriam maturidade, compreendiam melhor o que eles significavam. Olga percebia que somente nas suas festas, ao invés do “Parabéns pra você” era cantada a “Internacional”, e que na casa dos amigos e dos avós havia o canal da Rede Globo<sup>31</sup>. Além de ser levada no cangote do pai para os comícios das “Diretas Já”, Flora também foi levada, como em uma peregrinação, à casa de Luis Carlos Prestes, e de tanto ouvir o nome do Brizola em casa, quando o conheceu através de seu pai, chorou de emoção<sup>32</sup>. Hoje, a historiadora e professora narra essas memórias com o orgulho de quem sabe a importância dessas figuras históricas. Para Clarice, sempre foi motivo de orgulho dizer que o pai nunca havia feito faculdade. De todos os seus amigos na época do colégio, ela era a única que tinha um pai considerado um intelectual sem, no entanto, ter um diploma de ensino superior<sup>33</sup>. Leonardo classifica a casa dos pais, onde morou durante a infância e adolescência, como uma “casa comunista”. A porta nunca era trancada, circulava gente a todo momento, e sua mãe tinha conta bancária conjunta com o jardineiro, que tinha inclusive a chave da casa, dado estranho para sua namorada, que não se sentia muito à vontade com aquele entra e sai de pessoas todo o tempo<sup>34</sup>.

Nos ambientes de convivência com outras crianças, os filhos de militantes têm a memória de serem os únicos filhos de pais de esquerda, membros do PT, de pais brizolistas, enfim, os únicos com pais “vermelhos”. A categoria “brizolista” era ainda mais especial, como se fosse uma distinção dentro da distinção, pois “se o Lula ia colocar gente pobre na casa da classe média, o Brizola ia fazer a revolução comunista”. Era isso o que Flora ouvia em casa<sup>35</sup>, e que eu escutei muitas vezes também. A figura histórica de Leonel Brizola foi cultuada pela geração de filhos de militantes, mesmo aqueles que não se identificam com essa chave política, como Flora, que nunca se percebeu PDT, mas sempre admirou o pai por isso.

“Quando o Brizola morreu, o meu namorado na época trabalhava na central da Globo News, e ficou sabendo na notícias com alguma antecedência. Me ligou

---

<sup>31</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>32</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>33</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>34</sup> Entrevista de “Leonardo”. Depoimento concedido em 13 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>35</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.



imediatamente para que eu pudesse preparar meu pai. Quando vi, meu pai não só já sabia, como estava a caminho de um encontro de cúpula, sabe? Ele era visto como um ativista e apoiador importante do Brizola”<sup>36</sup>.

Meu convívio e amizade com Flora é de longa data. Seus pais foram professores da minha mãe, e eles são colegas de profissão. Achava que o pai de Flora era gaúcho, devido ao seu sotaque carregado, sem saber que ele falava daquele jeito por influência de Leonel Brizola. Fernando conta com orgulho que sua família “sempre foi brizolista” e disse ter se apaixonado de vez pela esposa quando ela contou ser de uma família de flamenguistas e brizolistas<sup>37</sup>. Além de ter nascido na Costa Rica, no exílio, Bruno narra com orgulho o fato de na sua casa ter um “telefone vermelho”, na época das eleições para governo do Rio de Janeiro, quando Brizola foi um candidato “desacreditado” e ainda assim saiu vitorioso. Seu pai era uma pessoa importante naquele contexto político e tinha comunicação direta com o futuro governador do Estado<sup>38</sup>.

No convívio com o coletivo, onde o contato com *outros* e com os *próximos* é efetuado, as memórias de família ganhavam novos sentidos. Deixavam de ser somente “a história do meu pai” ou “a trajetória da minha mãe”, e eram reconhecidas como parte da trajetória política de uma sociedade, integrada à história do país. A noção coletiva preexistente na memória individual, que para Maria Inês Mudrovic acaba por conformar a dimensão social de toda memória, para os filhos de militantes se deu no ambiente escolar.

Reconhecida por Berstein como o segundo núcleo social de transmissão dos vetores pelos quais passa a integração de uma cultura política<sup>39</sup>, a escola foi o *canal de socialização* realizador desse processo no caso dos entrevistados. Para uma criança, o ambiente escolar é um dos principais responsáveis por sua primeira interação com um coletivo fora do ambiente familiar e nele adquire uma percepção do “outro”, distante do convívio com a família e daquilo que lhe é familiar. Com o passar dos anos, os filhos de militantes começaram a reconhecer as memórias de militância dos pais de outra maneira e, na escola, foram reelaboradas novas e próprias memórias de experiências de militância.

---

<sup>36</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>37</sup> Entrevista de “Fernando”. Depoimento concedido em 10 de maio de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>38</sup> Entrevista de “Bruno”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>39</sup> BERSTEIN, S., op. cit. p. 356.

## 4.2 Sinal aberto

“Na época da escola, quando começou o ‘Fora Collor’, lembro que no colégio nós tivemos um seminário sobre o tema, sobre o que era o impeachment, o que significava a saída de um presidente do poder. Minha mãe foi convidada a falar um dia na escola, para os alunos do primeiro grau, para a minha série, sobre as passeatas, sobre o papel dos estudantes. Fiquei toda orgulhosa! Lembro que era tudo muito intenso. Nós éramos liberados das aulas para irmos às passeatas, e minha mãe era uma das mães e pais que ajudavam os professores a levarem os alunos até a Cinelândia. Achava o máximo! Aquele foi um período que a minha mãe falou muito da época dela de estudante. Era como se tivesse voltado um pouco o sentimento que ela teve, quando era estudante, de se engajar numa causa. Eu entrei no comitê do grêmio de organização das passeatas, e um dia nossa foto saiu no jornal, numa matéria que colocou ao lado a foto da ‘passeata dos cem mil’. Foi demais!”<sup>40</sup>.

Assim como Nina, muitos filhos de militantes descreveram a campanha “Fora Collor” como uma fase marcante de sua experiência política. Estudantes, na sua maioria, do primeiro grau na época da campanha pelo impeachment, não foram poucos os depoimentos que expressaram esse como um primeiro momento de envolvimento com uma política mais pragmática, mais militante. Juliana fundou um “centro acadêmico” na sua escola nessa época e se reconhece como parte do grupo de jovens “caras pintadas” que iam às ruas protestar<sup>41</sup>. Marina, que não é filha de militantes, percebe nesse momento um “despertar para a atuação”, para o envolvimento com o universo do político<sup>42</sup>.

A campanha pelo impeachment do presidente, no início dos anos noventa, desencadeou uma retomada de interesse pelo movimento estudantil dos anos sessenta, percebido pelos filhos de militantes como uma valorização da trajetória dos seus pais. Alice se sentia “participante” quando falavam do movimento de 68 na sua escola, por conta do envolvimento político de sua mãe<sup>43</sup>. Maria conta a trajetória política da sua família com minúcias de detalhes, pois foi assim que lhe contaram. Na sua interpretação, os detalhes são importantes, pois indicam a noção que lhe foi

---

<sup>40</sup> Entrevista de “Nina”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>41</sup> Entrevista de “Juliana”. Depoimento concedido em 5 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>42</sup> Entrevista de “Marina”. Depoimento concedido em 13 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>43</sup> Entrevista de “Alice”. Depoimento concedido em 25 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

transmitida sobre aquela não ser somente a história da sua família, mas também “a história do país, do mundo”<sup>44</sup>.

O orgulho expressado por Nina quando sua mãe foi à sua escola falar de sua experiência de militância estudantil foi sentido igualmente por Olga. Seu colégio aproveitou a oportunidade do momento político para mudar o currículo proposto aos alunos e o tema da Ditadura Militar se tornou a principal discussão para todas as séries. Junto com sua mãe, Olga organizou um painel de fotos e matérias de jornal intitulado “Ontem e Hoje”. De um lado, a mãe colocava fotos e artigos da sua época de estudante, e do outro lado, Olga fazia o mesmo com o material que ia recolhendo no seu dia a dia escolar<sup>45</sup>.

A “chave heróica” que Bruno identifica na interpretação que faz da trajetória dos pais parecia ser unânime naquele momento e os que antes estiveram presos e foram expulsos do país eram convidados para falar na televisão, apareciam nos jornais e se tornavam personagens de série de TV. Uma das personagens da minissérie “Anos Rebeldes” da Rede Globo<sup>46</sup> homenageou a mãe de Bruno, e até o pai de Olga sentava com ela para assistir aos capítulos, no antes proibido canal 4 da televisão<sup>47</sup>. Para Luiza, que não tem um histórico de militância na família, as idas com o colégio às passeatas despertaram o interesse pela atuação política.

“Fiquei obcecada pelo período da Ditadura. Eu era viciada nos ‘Anos Rebeldes’. Gravava todos os episódios, comprei a trilha sonora. Adorava! Meus pais me presentearam com vários livros sobre a época. Foi por causa daquele momento que eu decidi entrar no grêmio do colégio, e estive envolvida com a militância estudantil. Meus pais sempre me apoiaram, e me encorajaram a fazer aquilo que eu achava certo. Apoiavam a escola suspender as aulas para irmos às ruas, e assistimos juntos à votação do impeachment, pela televisão. Comemoramos com papéis picados, gritos. Parecia copa do mundo (risos). Uma festa!”<sup>48</sup>.

No caso de Fátima, esse momento político se tornou uma reviravolta na vivência familiar. Eleitores do Collor, seus pais apoiaram convictamente a campanha pelo impeachment e a levavam para as passeatas.

“Achei muito bonito o movimento que meus pais fizeram, porque eles realmente fizeram uma crítica, uma autocrítica. Nós íamos para passeatas juntos, e eu ficava muito orgulhosa disso. Nós íamos o jornal todos os dias, juntos, e meu me explicava o que estava acontecendo juridicamente. Eu chegava em casa dizendo que no CEAT não ia ter aula no dia seguinte, e eles diziam: ‘Tá [sic] certo!’. Depois, como eu

<sup>44</sup> Entrevista de “Maria”. Depoimento concedido em 3 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>45</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>46</sup> Entrevista de “Bruno”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>47</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>48</sup> Entrevista de “Luiza”. Depoimento concedido em 15 de setembro de 2010 no Rio de Janeiro.

sempre votei no PT, nós conversamos sobre política, mas de forma muito esclarecedora”<sup>49</sup>.

Os filhos de militantes participavam daquele momento político do país e viam a história política dos pais a partir de outros referenciais. Na escola, estudavam o processo do impeachment na sala de aula e compartilhavam suas memórias familiares com o coletivo dos alunos. Os pais eram reconhecidos, tornaram-se conhecidos; tornaram-se famosos.

“Foi a primeira vez que tive noção de que meu pai era uma pessoa importante. Percebi que ele tinha um valor porque fez o que fez. Sei que ele não é famoso como uma celebridade, mas ele tem um reconhecimento. É uma pessoa que para um certo grupo tem um valor. Ele ficou famoso na época do impeachment (risos), e eu achei muito legal. Hoje acho que foi muito importante, porque sempre achei que ele merecia o reconhecimento. Ele teve muita dificuldade de conseguir estabilidade financeira, tinha uma instabilidade emocional muito forte. Naquele momento ele foi visto como um herói não só por mim, mas por muita gente”<sup>50</sup>.

“Era um tal [sic] de gente ligando lá pra casa que você nem imagina. Meu pai na época era do PT, uma pessoa reconhecida no quadro político nacional, então pediam declarações dele o tempo todo. Lembro dele rindo quando voltava de um encontro com um político de direita, que chamou ele de terrorista uma vez, e agora eles estavam apoiando a mesma causa. Acho que foi pela primeira vez que tive a sensação que meu pai havia ganhado alguma coisa, uma disputa política (risos). Ele perdia tudo. Nunca elegia ninguém, nunca ganhava as eleições. Ali ele ganhou”<sup>51</sup>.

A dimensão da militância dos pais ganhou uma nova perspectiva nesse período; não somente a trajetória política deles era vista de outra forma, mas os pais passavam a assumir um outro lugar social. Os filhos de militantes associavam seus pais a um processo histórico, que percebiam ter relevância para a história nacional. Para alguns entrevistados, a campanha pelo impeachment representou uma tomada de consciência sobre quem eram seus pais e que, para um grupo de pessoas, suas trajetórias eram de significativa relevância.

Novamente, símbolos e sinais eram apreendidos como marcas de distinção mas, nessa ocasião, a noção de diferença, de fazer parte de uma família diferente, já não comportava a carga de exotismo que tivera antes. A chave de leitura, além de heróica, era positiva justamente pela diferença. Os entrevistados não se viam como diferentes somente porque o pai ou a mãe eram de esquerda, mas era justamente porque os pais eram de esquerda que eles estavam nos jornais, iam falar nas escolas,

<sup>49</sup> Entrevista de “Fátima”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>50</sup> Entrevista de “Nina”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>51</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

publicavam livros, divulgavam suas memórias. A vergonha, que muitos entrevistados expressaram sentir em algum momento por causa das “esquisitices”<sup>52</sup> dos pais não era mais motivo de embaraço, mas sim de orgulho. Passaram a enxergar seus pais como heróis e a valorizá-los de maneira diferente.

O fato da mídia e do meio acadêmico terem focalizado, mais frequentemente, os movimentos de resistência ao regime ditatorial proporcionou, não somente o despertar do interesse das gerações mais jovens em relação à militância de esquerda naquele período, mas fez valer para a opinião pública que aquele havia sido um momento negativo da história do país. Para alguns, uma época que deveria ser esquecida e, para outros, um momento digno de análise crítica. Muitos lutaram contra a tentativa de apagamento dessa história, mas nem sempre os resultados desse processo foram vistos de maneira positiva. A memória, como sabemos, pode ser um valioso instrumento de poder na construção de uma noção oficial da história e, tal como Daniel Aarão Reis avaliou, a memória da luta armada muitas vezes foi construída de maneira conciliadora.

De toda forma, entre usos e abusos da memória da militância de esquerda das décadas de sessenta e setenta, uma nova geração entrava em contato com o universo político e as memórias familiares se transformavam em história. Paul Ricoeur, que evoca a discussão iniciada por Halbwachs sobre a distinção entre *memória coletiva* e *memória histórica*<sup>53</sup>, indica nesses processos a memória individual revestida de sua dimensão coletiva, que assim ganha sua roupagem de *memória histórica*.

A memória individual é percebida pelo viés coletivo quando o narrador passa adiante suas experiências, seja para “outros”, para os “próximos”, ou ainda para “terceiros”. Uma vez narrada e devidamente apreendida, a experiência passa a ser reconhecida por aquele que a ouviu, que se transforma, ele próprio, em uma testemunha. O valor testemunhal é também histórico, mesmo distante da percepção de testemunha ocular de Heródoto, mas ainda sim presente pelo reconhecimento dado à memória. A narrativa da memória, para Ricoeur, se aproxima do sentido dado por Benjamin a partir do que o primeiro autor denomina de *fenômeno transgeracional da memória*.

“Trata-se de uma experiência forte, que contribui para ampliar o círculo dos próximos, abrindo-os em direção a um passado que, ao mesmo tempo em que

---

<sup>52</sup> Entrevista “Fernando”. Depoimento concedido em 10 de maio de 2011 no Rio de Janeiro

<sup>53</sup> RICOEUR, P., op. cit. p. 404.

pertence àqueles de nossos ancestrais ainda em vida, nos põe em comunicação com as experiências de uma outra geração que não a nossa. A noção de geração, que é aqui a chave, oferece um duplo sentido da contemporaneidade de uma ‘mesma’ geração, à qual pertencem, conjuntamente, seres de idade diferentes, e da seqüência das gerações, no sentido de substituição de uma geração por outra”<sup>54</sup>.

A narrativa é também relevante para Halbwachs, pois na passagem da memória dos mais velhos para os mais novos, sobretudo se existe um vínculo de filiação, a memória adquire um sentido histórico. Para Ricoeur, Halbwachs descreve esse movimento como se acompanhasse a forma de uma “curva”.

“Da história escolar, exterior à memória da criança, elevou-se para uma memória histórica que, idealmente, funde-se na memória coletiva que por sua vez ela amplia e *in fine* desemboca numa história universal que se interessa pelas diferenças de época e reabsorve as diferenças de mentalidade, sob um olhar trazido de lugar nenhum”<sup>55</sup>.

Para a tomada de consciência da geração de filhos de militantes a respeito da trajetória política da geração de seus pais, a noção de *memória histórica* parece fazer mais sentido pela dimensão de ligadura social, pressuposto o caráter social que Maria Inés Mudrovic afirma ser parte constituinte de toda memória. No caso de uma memória transgeracional, a memória se transforma em história, ou pelo menos ganha um senso histórico diferente do sentido predominantemente familiar que apresentava anteriormente, contudo sem se deixar ser substituída pela história. Filhos e filhas reconheciam seus pais na história ou como parte dela mas, antes de tudo e acima de tudo, eram seus pais. O caráter histórico de tais trajetórias, nas entrevistas, era dimensionado coletivamente, considerados os feitos e práticas de uma geração da qual seus pais fizeram parte. Individualmente, o pai e a mãe continuaram percebidos enquanto praticantes de uma militância, mas sempre separados da figura militante de quem assaltou banco, quem roubou armas, quem provavelmente matou alguém. Essa *história* é outra história, com significado diferente dado a memória familiar.

Os depoimentos por vezes fazem referência à importância que, para alguns, teve a busca de informações sobre a trajetória política dos pais para a formação de suas identidades. Não foram poucos os entrevistados que afirmaram terem a consciência de que passaram a se conhecer melhor e se entender melhor com um conhecimento mais aprofundado sobre a militância de seus pais.

“Há pouco tempo fui fazer análise, e na terapia vi que toda essa história tinha muita influencia na minha vida, mas vi também que dela eu sabia muito pouco. Percebi que

<sup>54</sup> Ibid. Pp. 405-406.

<sup>55</sup> RICOEUR, P., op. cit. p. 408. (grifo do autor)

precisava saber mais. Tinha evitado até então conhecer mais profundamente, por medo, mas não podia evitar mais. Quando foi lançado o filme ‘Batismo de Sangue’, tive um medo terrível de ver, porque falavam sobre as cenas de tortura, e tudo mais. Resolvi ver, e não achei nada demais, no sentido de ser insuportável. Ali, eu rompi uma barreira, e comecei a querer conhecer o assunto. Uma vez na terapia contei um sonho que eu tive, sobre isso com meu pai, e meu terapeuta disse que eu havia retirado meu pai da tortura. Achei lindo, e acho que de uma certa forma é isso que os filhos fazem. A vida seguiu em frente”<sup>56</sup>.

“Toda essa história de militância faz muito sentido na minha família pelo viés político, mas também para que eu pudesse entender as relações pessoais, as relações de família. Uma coisa não se desliga da outra. Entendi melhor muita coisa depois que esses dados me foram passados e, claro, me entendi melhor também”<sup>57</sup>

A memória assume a dimensão coletiva e social quando, a partir da narração e do compartilhamento, seus conteúdos fazem sentido para diferentes sujeitos, de diferentes idades. Através desse processo, desempenha sua função de uma ligadura e estabelece elos antes inexistentes. A narrativa da memória de uma experiência confere consistência à noção de geração originada a partir de um acontecimento inaugural, tal como proposto por Sirinelli, com a compreensão que tais acontecimentos inauguram igualmente o reconhecimento de uma identidade a partir de uma mesma experiência histórica. Através da narrativa e transmissão da memória, esse reconhecimento pode ser ainda intensificado, pois abre-se a possibilidade de serem ultrapassados os limites de uma experiência somente pessoal. Podem ser alcançados *outros*, *próximos* e também *terceiros* que, da memória, a princípio, não fazem parte.

O contato com o universo da atuação no campo do político, para muitos filhos de militantes, iniciou-se no período escolar quando, não somente obtiveram mais informação sobre o significado da luta travada pela geração de seus pais, mas também experimentaram uma ação política identificada com sua própria geração. Os “caras pintadas” eram estudantes, integrantes de uma nova geração *politizada e despertada para a atuação política*<sup>58</sup>.

### 4.3 Meu bloco na rua

Para os filhos de militantes que já haviam experimentado, nos anos de colégio, alguma militância estudantil, o ingresso na universidade trouxe uma nova dimensão

<sup>56</sup> Entrevista de “Camila”. Depoimento concedido em 22 de setembro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>57</sup> Entrevista de “Maria”. Depoimento concedido em 3 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>58</sup> Cf. RIDENTI, M., op.cit. p. 9.

para a ação política. Grande parte dos entrevistados se refere aos anos de faculdade como um momento marcante em suas trajetórias, em boa parte por estarem envolvidos com a atuação na política estudantil. A universidade, para Berstein, assume a mesma função da escola como um dos *canais habituais de socialização* e são eles que *transmitem, muitas vezes de maneira indireta, as referências admitidas pelo corpo social na sua maioria e que apóiam ou contradizem a contribuição da família*<sup>59</sup>.

“Entrei na universidade militando”<sup>60</sup>. É desta forma que Clarice define seu ingresso na PUC-Rio. Nos últimos anos da Escola Parque tivera contato com um grupo de estudantes da universidade, envolvidos com projetos políticos de militância estudantil. Foi quando aconteceu o sequestro do ônibus 174, rendido por um dos sobreviventes da chacina da Candelária, que fez alguns passageiros reféns. O trajeto do ônibus abrangia a principal rua do bairro da Gávea, a Marquês de São Vicente, rota de muitos alunos da PUC-Rio e também do colégio de Clarice. Estudantes secundaristas se uniram aos universitários e foram às ruas protestar contra a arbitrariedade com a qual os órgãos de segurança pública lidaram com o caso.

Como muitos de seus colegas, Clarice estava envolvida nesse movimento e foi a principal autora da “Carta Manifesto” divulgada por seu colégio. Com os universitários e alunos de outras escolas, “marchou” até o Palácio Guanabara e sentou em reunião fechada com o então governador Anthony Garotinho. Passou a frequentar os núcleos de reuniões do grupo “Fome de Educação”, formado por estudantes da PUC-Rio. Participava das performances e das atividades que aconteciam em vários pontos da cidade.

A militância universitária também marcou a trajetória de Pablo, que reconhece a época de faculdade como uma “abertura de horizontes”. Sempre morador da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e aluno de colégios particulares, a entrada na UFF colocou-o em contato com jovens de diferentes origens sociais, a maioria de famílias mais humildes que a sua. Saiu da “bolha” representada pela região mais favorecida da cidade, cruzou a ponte, e conheceu outras regiões do Estado. A militância para Pablo tinha o sentido de “provocar mudança”<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> BERSTEIN, S., op. cit. p. 356.

<sup>60</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>61</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.



A atuação política, para Marina, teve seu despertar na campanha “Fora Collor” e se concretizou, com intensidade, na PUC-Rio. No princípio, se reconhecia perdida no curso de direito, mas aos poucos encontrou seus pares e foi no centro acadêmico que realizou muitas atividades e reconhece que, ainda hoje, algumas delas trazem sentido à sua trajetória.

“Fazíamos o ‘Bate-papo do CAEL’. O intuito era levar alguém que achávamos interessante para conversar com os alunos do curso de direito. O encontro era público, mas voltado para o viés do ensino do direito. Foi num dos ‘bate-papos’ que conheci uma das advogadas do MST, e passei a me comunicar com esse núcleo. Comecei a ir nos encontros e nas vivências do movimento, e até hoje sou ligada a eles. Atuo desde então como advogada do MST”<sup>62</sup>.

Os depoimentos indicam uma busca, dessa geração, pelo que definiram como uma “militância diferente”<sup>63</sup>, “livre da lógica de partido”<sup>64</sup>, “fora das estruturas partidárias”<sup>65</sup>. Os que participaram do movimento estudantil definem os órgãos dos quais fizeram parte como estruturas “apartidárias”<sup>66</sup> ou “supra-partidárias”<sup>67</sup>. Rejeitavam a política feita pelos partidos mais atuantes entre os universitários, como o PSTU e o PC do B e, inclusive, a própria UNE.

“Fiz parte do CA do meu curso na UERJ, mas nunca me filiei de forma efetiva àquelas estruturas de partido. Sempre desconfeiei daquela coisa estanque, daquela estrutura hierárquica entre os estudantes. Participava dos encontros de história, em outros Estados, ia nas reuniões, mas a política estudantil na UERJ era PSTU, e eu não tinha interesse em fazer parte daquilo”<sup>68</sup>.

“Muitos núcleos me recebiam muito bem por causa da trajetória do meu pai, e achavam que eu era de certa forma parte daquilo, daquela estrutura de partido. Eu não me identificava com nada daquilo! Eu me identifiquei com o movimento ‘PUC-Diversidade’ porque eu vi ali uma busca distanciada da militância que sempre me incomodou, e que sempre quis que eu fizesse parte por causa do meu pai. Com a ‘diversidade’ eu pensei: ‘ok, isso aqui é diferente, faz mais sentido com o que eu quero, com o que eu acredito’<sup>69</sup>.

“Eu lembro que fiquei encantado no ENU<sup>70</sup> com mais 2.500 estudantes reunidos. Quando o presidente da UNE foi falar, todos viraram de costas pro cara [sic], vaiando. Eu achei incrível. Uma vez contei para uma amiga da minha mãe, ex-militante também, que nós íamos o presidente da UNE ela achou lamentável, não a via em si, mas o fato o presidente da União Nacional dos Estudantes ser vaiado

<sup>62</sup> Entrevista de “Marina”. Depoimento concedido em 13 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>63</sup> Entrevista de “Nina”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>64</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>65</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>66</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>67</sup> Entrevista de “Nina”. Depoimento concedido em 19 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>68</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>69</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>70</sup> O ENU foi um Encontro Nacional dos Estudantes organizado pelo MST na UNICAMP, em 2002.

pelos estudantes que ele representava. Refleti sobre isso, sobre essas representações, sobre a representatividade”<sup>71</sup>.

“A experiência de movimento estudantil foi muito interessante, porque ali havia também um contato com outras estruturas. Fui ao congresso nacional da UNE, achei tudo um desastre, em todos os sentidos. Achei tudo aquilo terrível, sem consistência, uma imagem complicada do que representa os estudantes do Brasil”<sup>72</sup>.

Na percepção de Pablo, a militância no Centro Acadêmico de Geografia era uma oportunidade para propor discussões “fora da cartilha”, que fizessem sentido com as idéias de “transformação” e de “revolução”.

“Pra mim essas noções eram muito claras, muito presentes. Acho que quem estava ali buscava isso também. Eu gostava de estar em grupo, de estar organizado coletivamente. Gostava de fazer atividades, propor atividades, fazer ações políticas, passeatas. Queria estar em movimento! Isso tudo fazia muito sentido, especialmente na época que eu estava na universidade, com o governo FHC, as greves, paralisações. Eu achava importante estarmos envolvidos”<sup>73</sup>.

Marina parece pensar na mesma linha:

“Eu queria discutir as grandes bandeiras: educação, reforma agrária. As pessoas me chamam de radical, especialmente na minha família, mas eu digo que sou radical porque vou na raiz dos problemas. No movimento estudantil, eu queria fazer essas discussões e encontrei no tema da reforma agrária uma forma de atuar a partir da minha profissão. A ligação que o nosso DCE tinha com o MST me aproximou disso, e depois de formada eu resolvi praticar o direito de forma engajada”<sup>74</sup>.

Até mesmo os filhos de militantes que não atuaram no movimento estudantil em suas universidades rejeitaram a prática de partidos políticos que viam no campus. Juliana não teve nenhum envolvimento com a militância política na universidade e considerava “insuportável lidar com o PSTU”<sup>75</sup>. Luis percebe a faculdade como um período de formação, de estudo, e como estudante de economia não via muita atividade política em seu curso. A política do DCE da sua universidade, a UFRJ, não o atraía por fazer parte de uma estrutura com a qual ele não se identificava<sup>76</sup>, mas não descarta a possibilidade de perceber na sua trajetória de economista uma via de construção da discussão política.

“A discussão do pensamento econômico me parece tão importante quanto várias outras discussões que podem ser consideradas, digamos, mais politizadas. Acho que o fato de eu estar buscando na minha pós, na minha formação enquanto economista,

<sup>71</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>72</sup> Entrevista de “Marília”. Depoimento concedido em 2 de junho de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>73</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>74</sup> Entrevista de “Marina”. Depoimento concedido em 13 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>75</sup> Entrevista de “Juliana”. Depoimento concedido em 5 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>76</sup> Entrevista de “Luis”. Depoimento concedido em 6 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

uma construção de pensamento menos acoplada à lógica de mercado, não deixa de ser um posicionamento político. O caminho mais lógico para um economista, hoje, é o mercado financeiro, trabalhar em bancos. Eu fui por outro caminho, e inclusive fui fazer minha pós na Unicamp, que tem um histórico diferente das outras escolas de economia do Brasil”<sup>77</sup>.

A busca por formas diferenciadas de atuação parece acompanhar o que os entrevistados demonstram pensar sobre o que é política, nem sempre associada a práticas mais tradicionais ou mais reconhecidas. A rejeição ao formato mais tradicional da militância à qual, inclusive, seus pais estiveram associados, os fez perseguir outras vias de engajamento.

“Por ser filha de político, acho que eu adquiri uma visão negativa desse meio. Ouvi a vida inteira que todos os políticos são iguais, que todo mundo rouba, e isso era muito triste. Nunca quis fazer política partidária, e tenho até ojeriza a isso. Mas sempre digo que faço política em sala de aula. No primeiro dia de aula, e durante o curso, eu sempre coloco minha posições, e procuro mostrar que tenho tendências socialistas de pensamento. Encorajo os alunos a construírem um pensamento contra-hegemonicamente [sic]. Minha posição em sala de aula é fazer política”<sup>78</sup>.

“Ter estudado no CEAT me fez perceber a importância de ser participante. Era prazeroso! Era legal ir nas passeatas, conhecer os movimentos sociais. Eu me sentia parte de alguma coisa, e não quis perder esse sentimento na universidade. Me envolvi com movimentos educacionais, que não tinham relação direta com o meu curso, mas conheci esse projeto numa aula eletiva de sociologia da educação. Comecei a dar aula para pré-vestibular, e passei a atuar de forma muito intensa nesse projeto. Era um trabalho voluntário, fora das estruturas de partido e dos órgãos estudantis. Pra mim não importava se era considerado política ou não. Eu achava que era militante”<sup>79</sup>.

“Eu sei que formo opinião dos meus alunos, mas esse não é o meu intuito. Meu posicionamento político em sala de aula é sempre muito claro, mas imponho limites, porque no segundo grau os alunos são mais impressionáveis, e não quero um rebanho. Quero cabeças pensantes! Acho que dar aula de história, provocar discussões, levar o cotidiano político para a sala de aula é uma forma de estar politicamente ativa”<sup>80</sup>.

Há uma percepção muito constante, neste grupo de entrevistados, de que é possível atuar politicamente fora das estruturas de partido, distante de uma lógica mais formal do universo do político, e há algumas razões para isso. A primeira tem relação com a construção de um pensamento crítico, próprio dessa geração de filhos de militantes diante do universo de memórias de militância com as quais sempre

<sup>77</sup> Entrevista de “Luis”. Depoimento concedido em 6 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>78</sup> Entrevista de “Maria”. Depoimento concedido em 3 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>79</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>80</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

conviveram. As memórias políticas da família passaram por uma avaliação crítica e, em alguns casos, ocorreu um movimento duplo de questionamento. Enquanto a geração dos filhos construía um pensamento crítico, percebiam seus pais elaborarem uma autocrítica.

“Sempre me contaram com orgulho sobre a militância, sobre a atuação política, mas hoje meus pais fazem outra avaliação, e eu acompanhei um pouco isso. Meu pai se arrepende, hoje, de ter doado toda uma herança que recebeu para o partido, sem ter guardado nada para nós (risos). Isso parece já ser uma reflexão mais crítica. Acho que as marcas da tortura, da prisão, ainda deixam rastros, e isso passa de geração para geração. Eu vi essa noção no grupo Tortura Nunca Mais, quando fui com a minha mãe, e lá eles falavam dessa noção de violência transgeracional. Eu acho que é por aí mesmo. As marcas passam, e eu sinto isso. Acho que isso tem a ver também com um desencantamento com a política no sentido mais macro. Meus pais se desencantaram, e eu acompanhei a crítica deles”<sup>81</sup>.

“Tem uma parte de orgulho, mas também tem a parte de quanto tudo aquilo fez mal pra trajetória de vida de cada um. Desde a morte da minha avó, a vida do meu avô, o fato do meu pai sempre estar muito afastado da vida familiar, enfim, a partir de várias coisas você começa a perceber que teve um outro lado também. Desde que o meu pai se envolveu com o legislativo, a vida partidária sempre esteve em primeiro lugar. Viajava o tempo todo, fazia política o tempo todo. Você não desliga isso. Você não desliga o fato de seu pai ser uma figura pública. Na escola, os colegas vinham com coisas para eu levar para casa e pedidos dos pais para o meu pai, desde emprego até ajudas banais. Sempre tinha gente lá em casa, o tempo todo, pedindo dinheiro. Era um saco! Minha mãe não aguentou o casamento. Ela era muito sozinha e largou tudo para cuidar da gente, porque meu pai nunca tava [sic] em casa”<sup>82</sup>.

“Até 95 meu pai era muito engajado no PT. Quando ele brigou com o partido e se desligou, me deu a noção de que ele ainda fazia a crítica política, de como era forte essa identidade, porque se não fosse ele poderia continuar parte daquela estrutura sem problemas. Mas a discussão ainda se fazia presente. Foi curioso, inclusive, quando entrei na faculdade encontrei um grupo de estudantes fazendo um grupo de estudo sobre um livro do meu pai, um livro recente. Aquilo me mostrou que meu pai, mesmo estando fora do partido, que para ele era um símbolo muito forte de identidade política, continuava pensando politicamente, e que era possível construir uma discussão política fora dos partidos”<sup>83</sup>.

“Sempre achei muito interessante como faz parte da persona de um revolucionário fazer a autocrítica, e meus pais faziam isso o tempo todo. Várias vezes nós conversávamos sobre as decisões que eles tinham tomado, ou sobre as regras da casa. Se colocavam à prova o tempo todo. Como muitos da esquerda, na minha opinião, se transformaram em pais autoritários. Não podia brincar de Barbie, não podia ver Rede Globo, não podia isso, não podia aquilo. Achava um absurdo pessoas que lutaram para libertar o Brasil de uma ditadura, imporem regras autoritárias em casa. Mas a esquerda é muito autoritária, e a gente encontra exemplos na história que comprovam isso. Hoje, meus pais são avós completamente liberais, no sentido econômico mesmo. No aniversário dos netos enchem de presentes, fazem todas as vontades, compram tudo! Na minha época, imagina se nós ganhávamos mais de um presente. E ainda

<sup>81</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>82</sup> Entrevista de “Maria”. Depoimento concedido em 3 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>83</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

tinha que ouvir o discurso do menino na favela que não ganhava nada. Ou seja, nem curtir o único presente que ganhava conseguia curtir, porque lá vinha a culpa (...) Gosto de ver eles mais soltos, mais leves, livres da culpa de ter que mudar o mundo”<sup>84</sup>.

“Minha mãe foi de tudo que era partido. Brigava em um, ia para outro, e assim se filiou à várias estruturas. Mas eu acho isso interessante. Pra mim, isso mostra que ela era extremamente crítica e fiel às suas convicções. Tanto que hoje não é de partido nenhum, e me parece muito coerente com as posições dela. A esquerda exerce a crítica, as vezes de maneira intolerante, mas exerce o pensamento crítico. Sempre vi meus pais fazendo crítica, autocrítica, e acho isso muito importante”<sup>85</sup>.

Na construção das vias democráticas, a lógica de partido se modificou de maneira significativa no Brasil. A sua maneira, o país acompanhou o discurso neoliberal de diluição de fronteiras econômicas, estendido para as práticas políticas reconhecidas pelas vias institucionais. No ano da primeira eleição direta para presidente da República, depois de um intervalo de mais de 25 anos sem eleições presidenciais, caía o Muro de Berlim, o principal símbolo de um mundo bipolar.

“Mais uma vez, no fim do século XX, o mundo se dá conta de que a história não se resume no fluxo das continuidades, sequências e recorrências, mas que envolve também tensões, rupturas e terremotos. Tanto é assim que permanece no ar a impressão que terminou uma época, terminou estrondosamente toda uma época, e começou outra não só diferente, mas muito diferente, surpreendente”<sup>86</sup>.

Com a queda do Muro, de maneira igualmente simbólica, entrava em colapso o que para toda uma geração representou uma prática militante fundamentada na cultura política de cunho comunista, referente à construção de um pensamento crítico de esquerda. O Brasil vivia um momento de disputa política muito particular, ainda fundamentado na lógica da oposição entre esquerda e direita, representante de uma bipolaridade não mais predominante. Nas memórias dos filhos de militantes, a divisão entre um lado e o outro era muito clara, uma marca de distinção de suas famílias. No entanto, depois de 1989, alguma coisa estava fora da ordem e, para um país que se manteve fechado por vinte anos, preso às estruturas de uma ditadura, as mudanças pareciam ocorrer de maneira demasiadamente acelerada.

A geração de filhos de militantes se desenvolveu politicamente com os referenciais militantes da geração de seus pais em processo de desconstrução. As memórias que se referem a uma “mudança política dentro de casa”<sup>87</sup> e a um “novo

---

<sup>84</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>85</sup> Entrevista de “Marília”. Depoimento concedido em 2 de junho de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>86</sup> REIS FILHO, D. A., FERREIRA, J., ZENHA., C., *O século XX. O tempo das dívidas*. p. 208.

<sup>87</sup> Entrevista de “Alice”. Depoimento concedido em 25 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

comportamento político dos pais”<sup>88</sup> fazem referência aos anos noventa, quando os pais “brigaram com o partido”<sup>89</sup>, “deixaram de ser tão radicais”<sup>90</sup> e começaram a se “distanciar da esquerda”<sup>91</sup>. Esse parece ser um segundo motivo para a persuasão dessa geração por diferentes meios de atuação. Muito presentes nas entrevistas estão referências a sentimentos de desilusão, de desencantamento, de decepção em relação ao universo do político, entendido no seu formato institucional. Muitos perceberam na nova postura dos pais em relação à atuação política, um sinal de mudança dos tempos e desenvolveram a crítica particular de uma geração que não conviveu de modo radical e dicotômico com um mundo dividido entre isso ou aquilo.

“Quando meus pais saíram da prisão decidiram se distanciar um pouco da militância, e resolveram construir uma família. Na visão deles essa era uma nova forma de fazer política, no dia a dia, atuar de outra forma. Mesmo nas eleições de 89, quando eles eram ligados ao PDT, a militância ali já tinha um outro sentido. Eu convivi com essa noção do micro e do macro da política, e me identifico mais com o primeiro plano. Acho importante pensar no macro, na política feita nas grandes estruturas, mas esse não é o meu foco de interesse e nunca foi o meu lugar de atuação”<sup>92</sup>.

“O universo da política me interessa no micro. Eu faço política no cinema, em todos os sentidos. Desde o tema que eu to [sic] discutindo, que eu me proponho a pensar, eu faço esse movimento de maneira política. O filme que eu to [sic] fazendo faz a construção dos personagens, que se remete a um embate de gerações, todo no micro, e por trás acontece a discussão política. Bem por trás (risos). Poucas pessoas que assistirem vão reconhecer a discussão política. Mas ela está lá!”<sup>93</sup>.

“Sempre pesei muito a trajetória do meu pai. Ele é um referencial muito radical de engajamento. Saiu de casa muito cedo, estava na clandestinidade com 15 anos. Tudo isso de uma certa forma formou o caráter político dele, mas é como se ele fosse uma criança, sentimentalmente falando. Acho ele bem imaturo, retardado no lado sentimental. Ele não teve adolescência, não teve contato com o mundo. Não acho isso positivo. Toda a entrega é muito bonita, mas não queria isso pra mim”<sup>94</sup>.

“Com o tempo comecei a ver a esquerda de forma diferente, e acho que tem que ser feita essa crítica. Acho louvável as pessoas se engajarem da forma que fizeram, e terem lutado em nome de uma causa, mas muitos valores ali eram complicados. A esquerda dos anos sessenta era, na minha opinião, extremamente machista, preconceituosa, homofóbica. Ela foi mudando com o tempo e a gente cresceu com isso. Hoje existe um grupo de militância gay associado ao PT, você encontra o movimento de feministas no PT. Quando meus pais militavam, essas discussões não existiam. Minha mãe só foi conhecer essas questões no exílio, e quando voltou para o Brasil deu continuidade a elas. Acho que não faz mais sentido falar no ‘proletariado’,

<sup>88</sup> Entrevista de “Alice”. Depoimento concedido em 25 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>89</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>90</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>91</sup> Entrevista de “Alice”. Depoimento concedido em 25 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>92</sup> Entrevista de “Pablo”. Depoimento concedido em 17 de agosto de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>93</sup> Entrevista de “Juliana”. Depoimento concedido em 5 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>94</sup> Entrevista de “Clarice”. Depoimento concedido em 12 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

mas faz sentido falar nos gays, nas mulheres, nos trabalhadores sem terra, em tantos outros núcleos que estão atuando politicamente, seja dentro ou fora dos partidos”<sup>95</sup>.

A desilusão que os filhos de militantes expressaram em relação ao universo do político também faz referência ao que qualificam como a decepção sentida no primeiro mandato do governo Lula. Depois de sucessivas derrotas, a candidatura de Lula foi considerada não somente uma conquista de gerações anteriores, mas uma vitória dessa geração. A esquerda chegava finalmente ao poder e uma *nova geração politizada ou despertada para a atuação política*<sup>96</sup> estava envolvida como parte desse processo.

Enfim, chegou à presidência da República o ex metalúrgico, considerado como semi analfabeto, sem diploma universitário, sem um dedo da mão, o símbolo mais evidente da militância de esquerda pós Ditadura Militar. A vitória não aconteceu sem um considerável histórico de perdas nas disputas eleitorais, e foi preciso reinventar o Lula para modificar a imagem da esquerda. Aparou-se a barba, estilizaram-se os ternos, as gravatas, fez-se regime alimentar balanceado, tudo com uma estrutura de marketing trabalhada de forma primorosamente estratégica. O discurso foi amaciado, as alianças políticas foram feitas e o preço do vinho da vitória foi tema das primeiras capas dos jornais. A sociedade brasileira confirmou seu apoio às transformações do candidato e, em 2003, foi dado o chamado “voto de confiança” da maioria da população.

Acompanhar essas mudanças de comportamento e de discurso, como elementos que fazem de campanhas eleitorais, indicava alterações de caráter comportamental, não necessariamente correspondentes ao universo de práticas políticas. O distanciamento dos padrões desenvolvidos em eleições passadas não foi suficiente para, simbolicamente, afastar o Lula de 2003 do seu posto de representante da esperança por mudanças. Clamava-se por mudança em todos os níveis.

Quando, em 2005, vieram à tona escândalos de corrupção e de comportamentos criminosos dos altos escalões do governo federal, uma forte decepção abateu os eleitores da esquerda ao verem políticos do PT, com cargos importantes e da mais alta confiança do presidente, envolvidos de forma direta com as denúncias feitas, muitos inclusive ex-militantes do período da Ditadura Militar.

---

<sup>95</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>96</sup> Cf. RIDENTI, M., op. cit. p. 10.

Juliana diz ser PT cada vez menos hoje em dia, até com uma certa vergonha<sup>97</sup>. Olga continua a votar no PT, mas sem “aquela alegria, aquele orgulho de antes”<sup>98</sup>. Em primeiro de janeiro de 2003, Flora estava em Brasília para assistir à posse de Lula. Diante dos escândalos, a decepção foi tanta que ela viu uma situação inédita em sua casa.

“Minha mãe que vinha de uma família ‘PT roxa’ não quis mais saber de política, e nunca mais votou no PT. Nem em deputado, senador, nada! Nunca pensei que fosse ver isso, mas a decepção foi muito grande. Meu pai, que nunca tinha votado no Lula, conseguia se distanciar do sentimento da minha mãe, mas sempre trazia a figura do Brizola, como um visionário do que seria o PT no poder. Minha mãe só dizia assim: ‘Ainda bem que o seu avô não está vivo para ver isso’”<sup>99</sup>.

A decepção de Flora, como a de muitos filhos de militantes, não foi somente em relação aos padrões de comportamento político mas, igualmente, ou ainda mais significativa, em relação às posições políticas do governo.

“Quando vi que o governo Lula estava dando continuidade ao discurso FHC e se comportava de maneira tão corrupta quanto os governos anteriores, deixei de votar no PT, e passei desde então a votar no PSDB. Meu raciocínio passou a ser o seguinte: se é para votar no discurso neoliberal, voto então em quem me parece mais competente”<sup>100</sup>.

O desapontamento com as diretrizes políticas do governo Lula que, na percepção de Marina, não se comprometeu de forma efetiva com as transformações de base, provocou sua desfiliação do PT e, desde então, vota em outros candidatos “mais de esquerda”.

“O PT que eu me filiei já não existia mais a partir de 2004, então decidi sair do partido. Não fazia mais sentido estar filiada a um partido com o qual eu discordava de praticamente tudo. O PT perdeu a oportunidade de ser uma referência contra hegemônica na América Latina, e passou a fazer a cartilha [sic] do neoliberalismo. Quando vi o discurso da ascensão social pelo valor monetário, no sentido de transformar todo mundo pobre em classe média, vi que não podia mais votar no partido. Não faço mais parte de nenhum partido, e me associo mais à ideia de movimento político que o MST pratica”<sup>101</sup>.

Na leitura de Leonardo, a política do governo Lula demonstra o que é “fazer política hoje” e o que vem sendo a política de esquerda desde as eleições de 1989.

“A esquerda do Brasil se tornou pragmática e abandonou as noções ideológicas que a geração do meu pai tinha. Eu gosto do Lula, sempre votei nele, e vou votar na Dilma.

<sup>97</sup> Entrevista de “Juliana”. Depoimento concedido em 5 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>98</sup> Entrevista de “Olga” via email. 10 de abril de 2011 no Rio de Janeiro.

<sup>99</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>100</sup> Entrevista de “Flora”. Depoimento concedido em 12 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>101</sup> Entrevista de “Marina”. Depoimento concedido em 13 de outubro de 2010 no Rio de Janeiro.



Acho que ele fez um trabalho excelente dentro das possibilidades que ele tinha e, hoje em dia, não dá para esperar muito mais mesmo não. Hoje em dia é assim. Não tem mais esquerda de um lado, direita de outro. Tá [sic] tudo misturado”<sup>102</sup>.

Para a geração de filhos de militantes e para toda uma geração de jovens, o universo do político não se mostrava dividido em dicotomias e bipolarismos, aplicados às escolhas dos sujeitos entre ser uma coisa ou outra. É possível ser muitas coisas ao mesmo tempo e em diferentes fases da vida, sem que as escolhas feitas ao longo da trajetória representem um conjunto de posições contraditórias. Ao invés de operar com apenas dois pólos, diante desta geração estava um verdadeiro “campo de possibilidades”. Por isso, enquanto alguns assumem uma atitude *blasée* e outros adotam um ceticismo radical, há os que fazem adesões vigorosas e militantes a uma ordem de valores, assim como aqueles que circulam entre vários estilos. Todas essas adesões, mais ou menos intensas, podem ser feitas a partir de diferentes combinações, sem constituírem necessariamente uma leitura conflitante em relação a valores morais. Como sugere Gilberto Velho, *na modernidade há uma coexistência, mais ou menos tensa, entre diferentes configurações de valores e as identidades são formadas a partir desse campo de distintas possibilidades*<sup>103</sup>.

Leonardo tem razão em dizer que “está tudo misturado”, mas nessa percepção de mistura política da contemporaneidade nem tudo é homogêneo. As menções de “esquerda” e “direita” ainda fazem sentido para essa geração, mas enquanto pólos políticos diferentes e não necessariamente opostos. Muitas entrevistas foram realizadas durante o processo eleitoral de 2010 e as escolhas dos candidatos que, a princípio, ou em outros tempos, soariam contraditórias, para não dizer esquizofrênicas, acabaram por fazer sentido, considerada a diluição que sofreram os partidos políticos brasileiros. Na família de Marina, aqueles que votaram no candidato do PSDB para presidente, José Serra, deram igualmente seus votos para o candidato do PSOL, Marcelo Freixo. Uma vez em desacordo com seu antigo partido, o voto de Marina foi para o candidato “mais de esquerda”, Plínio de Arruda Sampaio, do PSOL. Flora optou por votar em José Serra e no candidato Alessandro Molon, do PT, para o cargo de deputado federal. Nina considerou seu voto na candidata do PV, Marina Silva, um voto de esquerda e muitos outros pareciam concordar com ela.

---

<sup>102</sup> Entrevista de “Leonardo”. Depoimento concedido em 13 de agosto de 2010 no Rio de Janeiro.

<sup>103</sup> VELHO, G., op. cit p. 97.

Sinais dos tempos? Mesmo que o sejam, os sinais são muitos e com diversos sentidos. Se é verdade que o final do século XX foi o fim de uma época e o início de outra, surpreendente, também é verdade que, entre rupturas e continuidades, se faz o processo histórico e, como tal, nem tudo está perdido, e nem tudo é absolutamente aproveitável. Para Reinhart Koselleck é possível dizer que a globalização promove a destruição de algumas identidades e, ao mesmo tempo, a criação de outras, mesmo ainda sendo cedo para sabermos para onde se orienta esse processo<sup>104</sup>.

O que não parece prematuro, para Giovanni Levi, é a forma como a construção do discurso neoliberal na história tenta invalidar qualquer outra possibilidade de construção de pensamento e as aspirações anteriores acabam por fazer simplesmente parte do passado<sup>105</sup>. Parece haver uma tentativa de convencimento sobre ser uma incoerência falar, na contemporaneidade, a partir das noções de esquerda e direita ou de capitalismo e comunismo. É como se esses termos tivessem se tornado obsoletos, pertencentes a um passado que não faz mais sentido; afinal, hoje “está tudo misturado”. Marcelo Ridenti também parece desconfiar dessas noções e lembra que o capitalismo mudou, mas ainda é capitalismo, e reconhece uma continuidade, no século XXI, de idéias do século passado. Socialismo, liberdade, democracia e revolução tendem a se alterar no tempo, visto só terem significado historicamente situados<sup>106</sup>, mas não há uma perda total de seus possíveis sentidos.

“Como diria um mestre em sociologia, Florestan Fernandes, ‘hoje o jovem retorna os seus papéis em um Brasil diferente, e não deve ficar encantado por um passado que não pode ser reconstruído e não foi tão legendário ou heróico como as idealizações sublinham. Seus parâmetros eram historicamente finitos e humanos’ (...) ‘o jovem tem o mundo à sua frente – só que tem de lutar por ele, fora e acima de utopias fixadas no passado’”<sup>107</sup>.

É com este sentido que se faz importante a incorporação de novas gerações na pesquisa de Ridenti, que orienta para o presente e direciona para o futuro as investigações sobre o passado do movimento de luta armada. Complementa o pensamento de Florestan Fernandes quando *nega o vício sociológico de tomar o mundo presente como desembocadura necessária dos eventos passados, mas encarar tais eventos na riqueza do momento histórico em que se deram*<sup>108</sup>.

<sup>104</sup> JASMIN, M. G., e FERES, J. (orgs). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. p. 165.

<sup>105</sup> LEVI, G., *Le passé lointain*. Pp. 34-35.

<sup>106</sup> RIDENTI, M., *op. cit.* p. 23.

<sup>107</sup> *Ibid.* p. 21.

<sup>108</sup> *Ibid.* p. 21.

Sob outra perspectiva, Koselleck aborda a possibilidade de “continuidade de idéias passadas” na discussão da história dos conceitos. Entre as rupturas e continuidades na história, a história dos conceitos, para Marcelo Jasmin, *se propõe a cobrir justamente “a zona de convergência ocupada por conceitos passados e presentes”*<sup>109</sup>. A descontinuidade histórica pode ser localizada através da linguagem, uma vez que os conceitos que formam um passado de tradição são lidos e conceituados no presente, tanto como indicadores, quanto como fatores na vida política e social.

“Pois todos os conceitos têm dois aspectos. Por um lado, eles apontam para algo exterior a eles, para o contexto no qual são usados. Por outro, esta realidade é percebida em termos de categorias fornecidas pela linguagem. Assim sendo, os conceitos são tanto indicadores como fatores na vida política e social. Posto metaforicamente, os conceitos são como junções ligando a linguagem e o mundo extra-lingüístico”<sup>110</sup>.

A história dos conceitos, tal como proposta por Koselleck, sublinha a sensação de aceleração do tempo a partir do advento da Revolução Francesa e opera com essa “sensação” para a busca do entendimento da transição para a modernidade. Na concepção deste autor, os conceitos não variam apenas de acordo com seu campo semântico, mas também de acordo com os supostos temporais neles embutidos<sup>111</sup>.

“Momentos decisivos podem ou não caracterizar a história, mas eles certamente caracterizam nosso senso de experiência, especialmente quando ela é mediada pela retrospectão (...) a própria intensidade se torna um ideal regulador da modernidade: o moderno acredita não só que o tempo, a experiência e aquisição de conhecimento estão se acelerando, como deseja que esta aceleração continue – e para sempre. Sendo assim, o processo de intensificação pode ser encontrado em outros lugares que não a Revolução Francesa”<sup>112</sup>.

Não há registro de que a diluição do bloco soviético seria para Koselleck um desses marcos no *processo de intensificação*, mas não parece distante a sensação de uma aceleração intensa vinculada a esse evento. A geração de filhos de militantes não assinala ter vivenciado intensamente esse episódio e se refere muito mais às eleições de 89 do que à queda do Muro de Berlim, mas o universo do político no qual ela se desenvolveu e com o qual negociou esteve diretamente afetado por essa conjuntura.

---

<sup>109</sup> JASMIN, M. G., e FERES, J., (orgs) op. cit. p. 29.

<sup>110</sup> Ibid. p. 100.

<sup>111</sup> Ibid. Pp. 77-78.

<sup>112</sup> Ibid. p. 79.

Terminava a época de um mundo dividido, dicotômico, e um outro momento começava.

A pesquisa de Koselleck pode ser entendida, entre outras muitas possibilidades para a historiografia, como um estudo sobre a linguagem do passado no seu reconhecimento pelo presente. Os conceitos, que comportam *supostos temporais neles embutidos*, são igualmente indicativos de seus usos na orientação para o futuro.

“As palavras podem e de fato adquirem significados opostos e não relacionados. Entretanto, o conjunto de variações temporais possíveis é finito. Futuros diferentes são projetados em diferentes níveis dos mesmos conceitos. Mas *todos* os conceitos têm extensão e intensidade temporais, e todos os conceitos históricos estão embutidos em estruturas verbo-temporais”<sup>113</sup>.

Através dos *canais habituais de socialização* foram transmitidos vetores da cultura política de esquerda próprios de uma geração envolvida na luta contra o regime militar. O passado de uma tradição política foi conceituado no presente por uma outra geração e os conceitos reconhecidos como parte dessa tradição sofreram as variações correspondentes e coerentes com o contexto político e social do momento histórico vigente.

“Toda leitura das conceituações passadas pelas gerações posteriores altera o espectro de possíveis significados transmitidos. Os contextos originais dos conceitos mudam; assim também o fazem os significados originais ou subseqüentes transportados pelos contextos. A história dos conceitos pode ser reconstruída através do estudo da recepção ou, mais radicalmente, da tradução dos conceitos que, usados pela primeira vez no passado, são postos em uso pelas gerações posteriores (...) Com desvios maiores ou menores, muito ou poucos, dos significados primitivos, os conceitos podem continuar a ser utilizados e reutilizados. Embora tais variações possam ser marginais ou profundas, a reciclagem lingüística assegura, ao menos, um grau mínimo de continuidade”<sup>114</sup>.

*A força da cultura política como elemento determinante*, assinala Berstein, *resulta, em primeiro lugar, da lentidão e da complexidade da sua elaboração*<sup>115</sup>.

“Adquirida no decurso da formação intelectual, beneficia do caráter de certeza das primeiras aprendizagens. Reforçada pela confrontação destas com os acontecimentos surgidos durante a existência humana, continua a aumentar em poder de convicção e no papel de chave de leitura do real”<sup>116</sup>.

Tenha sido através das memórias familiares, das atividades e discussões escolares ou do movimento estudantil experimentado na universidade, vetores da

<sup>113</sup> JASMIN, M. G., e FERES, J., (orgs). op. cit p. 81. (grifo do autor).

<sup>114</sup> Ibid. p. 101.

<sup>115</sup> BERSTEIN, S., op. cit. p. 360.

<sup>116</sup> Ibid. p. 360.

cultura política da esquerda brasileira foram transmitidos para uma outra geração despertada para a atuação e foram conceituados no contexto político e social do período pós Ditadura Militar. Filhos e não filhos de militantes utilizam e reutilizam conceitos originários dessa tradição política e também, através deles, direcionam suas escolhas e atuam no campo do político.

Apesar das memórias que foram objeto da pesquisa não destacarem como marco relevante a percepção do fim de um mundo bipolar, a geração investigada vive as conseqüências históricas, políticas, culturais e sociais relacionadas ao início do predomínio de um discurso neoliberal referente à lógica de mercado globalizado. Na fase adulta, momento de conclusão do processo de formação de identidade, essa geração, mais do que qualquer outra, teve que negociar com essa lógica e com um mundo fundamentado em suas diretrizes, pois *nasceramos já em plena angústia metafísica, em plena angústia moral, em pleno desassossego político*<sup>117</sup>. Quando se refere à esquerda e direita, ou a comunismo e capitalismo, essa geração certamente não conceitua os termos, mas percebe a mudança de eixo que essas noções sofreram conceitualmente. Nem por isso os eliminam de seu vocabulário e, ao se referirem a esses conceitos, procuram contextualizá-los.

Existe, para Koselleck, um grupo de *conceitos básicos* que *combinam experiências e expectativas multiformes de tal modo que se tornam indispensáveis para qualquer formulação dos temas mais urgentes de um determinado tempo*<sup>118</sup>.

“Muitos conceitos básicos, sobretudo aqueles que designam movimentos *-ismos-*, e que confluem na reivindicação de que a história futura deve diferir fundamentalmente da passada. Entre tais conceitos estão ‘progresso’, ‘desenvolvimento’, ‘emancipação’, ‘democratização’, ‘socialismo’ e ‘comunismo’. Na medida em que esses conceitos, por definição, não podem ser testados por referencia à experiência pregressa, eles são facilmente anexados a ideologias ou dissolvidos pela crítica que os julga ideológicos”<sup>119</sup>.

A leitura dicotômica do mundo não é própria dessa geração, mas isso não significa que não se identifiquem com referências do momento histórico caracterizado pelo bipolarismo e pelo intenso debate do político. Giovanni Levi manifesta um certo incômodo, ainda que sutil, com uma linha de pensamento construída a partir de referências a um outro momento histórico-político, como se fosse coisa do passado, um passado considerado morto. Com a predominância do discurso neoliberal e com o

<sup>117</sup> SABINO, F., *Livro do desassossego*. p. 189.

<sup>118</sup> JASMIN, M. G., e FERES, J. (orgs). op. cit. p. 99.

<sup>119</sup> Ibid.

fim das utopias, é como se não fosse mais viável falar em revolução, em socialismo, em esquerda e direita. Através do estudo das memórias da geração de filhos de militantes, percebido o uso de tais termos, não em forma de conceitos, mas como parte de uma linguagem referente ao universo do político, eles não parecem ter caído em desuso por completo.

De acordo com Berstein, no estágio final da formação da identidade, em contato com os grupos e associações com os quais os cidadãos são chamados a conviver, a primeira bagagem política transmitida pela família será conservada ou rejeitada<sup>120</sup>. Sobre heranças políticas herdadas e rejeitadas pela geração de filhos de militantes tratará a próxima sessão.

---

<sup>120</sup> BERSTEIN, S., op. cit. p. 356.